

Passei na sua casa pra ver suas pinturas

(Olga S. R de Almeida)

“Quando pronuncio a palavra Futuro, a primeira sílaba já pertence ao passado. Quando pronuncio a palavra Silêncio, destruo-o. Quando pronuncio a palavra Nada, crio algo que não cabe em nenhum não-ser”.

(Wisława Szymborska)

Ana, Miguel e Antônio estão sentados num banco de madeira, diante de três telas.

Ana – Eu estava de férias em Barcelona.

Miguel – Eu estava trabalhando em Madri.

Antônio – E eu estava morto.

Miguel – Oi Ana.

Ana – Miguel?

Miguel –... **Aconteceu uma coisa...** Comecei a chorar.

Ana – Eu só conseguia ouvir um som agudo, semelhante a uma campainha.

Miguel – E então...

Ana – **Todas as cores sumiram...** Eu precisava falar algo.

Miguel – Ana sentou no chão pra não cair.

Ana – Mas as palavras não saíam. Senti um enjoo estranho.

Miguel – Não sabia o que estava falando. Senti um frio estranho.

Ana – Ouvei Miguel. Depois falei... Preciso de um **tempo**.

Miguel – Desculpe. Não estou sabendo lidar com a situação... Comprei minha passagem. Embarco hoje. Vou deixar o aquecimento ligado. Você está com a chave?

Ana – Sim, eu estou com a chave... Mas não sei como abrir a porta que me tranca nesta sala... Então, ele morreu? E quem ficou com a chave? Quero abrir a morte... E por que estas telas estão aqui?

Miguel – As telas pareciam desabar sobre nossas cabeças. Não gosto de Miró. Não gosto de arte. Não gosto dessas cores. Quero apagar tudo. Quero não ser eu. Quero ser um quadro...

Ana – Não chorei como era de se esperar. Estava congelada, numa espécie de buraco negro e profundo. Caminhei, sem rumo, pelas ruas e acabei chegando aqui, na Fundação Miró. Percorri vários ambientes com obras de arte pra todos os lados. Tudo parecia cinza, inclusive eu.

Antônio – Ana não sabia o que procurava e estava tão pálida...

Ana – Eu ainda não conhecia essas pinturas do **Miró**. Acabei entrando nesta sala com **três telas**. Cada uma ocupava uma parede inteira e isso chamou minha atenção. De frente para esses quadros havia esse banco. Permaneci sentada por um **tempo indefinido** olhando para o que me parecia assustador.

Antônio – Fiquei sentado ao lado de Ana observando as pinturas refletidas em seus olhos. Era uma espécie de cenário que anunciava outro cenário. Um silêncio que gritava. Era um segredo que eu já conhecia.

Ana – Aceitei a presença mórbida de Antônio... Como me encontrou?

Antônio – Apenas **estou** aqui.

Ana – **Mas** você não deveria estar.

Antônio – Precisava observar.

Ana – Eu já sei de tudo.

Miguel – Fui eu que contei pra ela.

Ana – Miguel, você vai perder o voo.

Miguel – Não gosto de voar sozinho.

Ana – Parece que as horas não passam...

Antônio – O Miguel quer virar um quadro, só que não sabe como.

Miguel – Você está bem?

Antônio – Eu já sou um quadro e quero ver o que nunca vi.

Miguel – Nunca imaginei sua morte.

Antônio – A viagem é longa.

Miguel – Estou tentando dormir, mas essa turbulência atrapalha.

Ana – Por que tinha que morrer justo agora? Eu não estava em casa e ainda não estou.

Miguel – Sinto falta das nossas conversas.

Ana – Valia a pena não dormir.

Miguel – Naquela época os beliches eram as poltronas do avião.

Ana – Mas você sempre dormia e me deixava falando sozinha.

Miguel - Papai queria falar só com você. Então, eu dormia.

Antônio – O Miguel dormiu... A gente não tem se visto muito. Sinto sua ausência.

Ana – Difícil administrar tantas coisas ao mesmo tempo.

Antônio – Faz um ano que não sou uma de suas prioridades.

Ana – É muito trabalho, corre-corre da vida. Se quiser, agora...

Antônio – Agora não tenho tempo. Olha aquela tela, à direita. Vê? A esperança? Antes de acontecer o esperado, acontece a espera. Vivia esperando você, a vida acontecer, a morte chegar, as contas vencerem, sua mãe me amar.

Ana – Preciso encolher.

Antônio – Podemos.

Ana – Você está aqui comigo, numa exposição. **Sonhei com esse dia.**

Antônio – Andei olhando por aí, tudo. São **obras de arte**, né?

Ana – **Você está conseguindo ver?**

Antônio – Sua dor.

Ana – A morte é uma urgência?

Antônio – É generosa quando vira poesia.

Ana – Não sabia o que dizer pra ele. Então, tornei-me provisória.

Antônio – Quando você começou a pintar, eu já não enxergava bem. Então, antes de vir aqui, **passei na sua casa pra ver suas pinturas.** Não são como eu havia imaginado... A arte revela o que se tenta esconder?

Ana – Será que morremos para poder enxergar melhor? Então, morrer é melhorar? Fica aqui comigo... Fica?

Antônio – Agora.

Ana – Agora pode ser **infinito?** Olhe pra este homem aberto na tela. Ele não tem contorno definido, nem cores claras. Está procurando o quê? Talvez uma saída? Não é mais uma completude em si mesmo. Está se expandindo...

Antônio – Esse homem vai pra longe... E lá, pra onde ele vai, **um prato de arroz** é diferente de um prato de arroz daqui, entende?

Ana – Estava próxima da morte e passei a olhar as telas **com um olhar desafiador.**

Antônio – Desafio esconde medo. Do que tem medo?

Ana – **o que a arte sabe dessa DOR?** O que a arte poderia saber dessa DOR, pai?

Antônio – Fiquei em silêncio, de mãos dadas com Ana. Olhávamos para as telas, observando, compenetrados. Era uma plenitude inventada.

Ana – Posso ouvi-la dizer... “Eu avisei que um dia eu viria. Não enganei ninguém. Se não quiseram acreditar, paciência”.

Antônio – Quais são as palavras que precisamos pra dizer adeus? A morte vai nos separar e cortar nossa carne frágil. O que sobra são os laços, os ossos... Mas há uma falha na morte porque estamos aqui, agora, eu e você. Sem projetos, sem corpo, e não há pressa, porque estaremos sempre aqui.

Ana – Um abraço não pode ser enterrado.

Antônio – Amor é o “gesto” que escolho levo pra morte. Fiquei frente a frente com aquelas telas que passaram a tentar falar comigo algo que a Ana ainda não poderia ouvir. Era um segredo... Você se lembra daquela carta que escrevi pra você? Foi logo depois que fiquei cego.

Ana – Lembro! Está comigo, guardo até hoje.

Antônio – Era pra te desejar boa viagem. Era um final de ano e você ia viajar.

Ana – Foi a primeira carta que escreveu depois que ficou cego.

Antônio – Escrevi naquela **Olivetti vermelha** que você me deu de presente. Eu até que tentei escrever mais, só que sem enxergar ficou difícil. Pelo menos deu pra escrever duas ou três cartinhas. E hoje em dia, com o computador, tudo está tão mais fácil. Pena que não tive **tempo de aprender** a usar essa maravilha.

Ana – (abaixa a cabeça) Sim, nenhum de nós teve tempo de te ensinar, né? Só estávamos preocupados em correr de um lado pro outro... E me diga, pra quê? Pra quê? Queria ter te ensinado a usar o computador, queria ter lido livros pra você... Você sempre amou ler, né? E eu também amo ler! Então, **por que não li os malditos livros pra você? Por quê?**

Antônio – Ana chore. É preciso viver com coerência.

Ana – O fato é que sempre corri atrás dos itens da minha lista... **A tal lista das prioridades.** Só que agora nada é mais importante que você.

Antônio – Em muitas ocasiões, não te compreendi. Lembra, quando você quis namorar aquele **baterista de uma banda de rock!** Ele era um bom menino, mas achei que não era pra você.

Ana – Todos os pais fazem isso pra proteger os filhos. Ele era legal, mas adorava ter duas namoradas ao mesmo tempo... Descobri depois, mas não te falei... Também não te agradei, não comprei flores pra você. Não cortei suas unhas. Não preparei seu almoço...

Antônio – (sorri) Fizemos o melhor possível.

Ana – Então, por que perdi você?

Antônio – Posso ver as diagonais que te atravessam.

Ana – O que vê de tão diferente?

Antônio – Não preciso ver. Compreendo.

Ana – Você sofreu muito?

Antônio – Lá no hospital foi difícil, mas não consigo lembrar o que aconteceu.

Ana – Eu queria estar lá com você.

Antônio – Você sentiu mais solidão do que eu.

Ana – Quero sua morte em mim... Quero ser um braço sem corpo, sem alma. Um braço apenas... Um dos seus...

Antônio – Volte pra casa.

Miguel – Já posso acordar?

Antônio – Preciso ouvir a Ana.

Ana – Telas pintadas e penduradas numa parede qualquer mais parecem cadáveres em decomposição. Perderam braços, pernas, corpo, contornos... São dores escondidas nas cores. São trapos pendurados em paredes que ignoram o mundo.

Antônio – Observe a vida.

Ana - Estou fazendo isso há horas... Nem sei quantas.

Antônio – Olhe o que se passa além. É pra isso que arte serve... **Olhar além do que se pode ver...**

Miguel – Está amanhecendo. Não sei como levantar.

Antônio – A morte pinta os mortos em cerimônia fúnebre e escreve poemas em lápides de pedra. A morte também se transmuta em melodia que embala o sono dos que choram por sobre seus mortos. É uma ave de rapina que um dia voa pra longe, mas sempre volta pra comer nossos filhos, nossas carnes, nossos sonhos.

Ana – Eu já não sabia ser sensata. Então, resolvi ser óbvia. A iluminação dos quadros é adequada à contemplação. Predominam tons de **cinza**. Há pontuações em **cores vibrantes**, porém, são breves, deslizantes e, aparentemente, sem rumo. Exatamente como estou me sentindo nesse momento, sem rumo, aprisionada por estas linhas **enormes** que não param de crescer. Já ultrapassaram as paredes que as sustentam e já perfuraram minha alma.

Antônio – Ana, você conhece a história dessas pinturas? Sabe o que estava acontecendo naquela época... na Espanha?

Ana – O que me importa isso agora?

Antônio – As telas também oram por você.

Ana – Sinto o aroma adocicado das flores que estão sobre seu caixão, papai.

Não quero mais pintar flores.

Antônio – A dor e o prazer são chaves que abrem portas, aquelas que você fechou por covardia.

Ana – (silêncio) Me ajuda a abrir a porta...

Antônio – Ela está aberta.

Ana – (silêncio) Agora você está entendendo de arte, filosofia, de tudo... (Ana e Antônio começam a rir) Não que você não entendesse de arte antes, mas nunca falamos sobre, e você gostava mesmo era de ler a Bíblia.

Antônio – Sim, **A Bíblia é uma obra de arte**, também.

Ana – Você sabe o que acontece quando passo da medida?

Antônio – Você começa a ficar interessante?

Ana – Perco a noção do que é real. E estou me sentindo assim nesse exato momento.

O que é real, papai? O quê?

Antônio – A morte torna a vida mais real.

Ana – Eu posso mudar de vida.

Antônio – Você não precisa ser óbvia a esse ponto. Seja óbvia apenas ao chorar a morte do seu pai, ao escrever sobre a morte, porque a morte é óbvia, e a vida também, mas não precisa ser...

Ana – Quero ter mais um tempo pra tudo, além de trabalhar. Quero que você venha morar comigo. Você e a mamãe.

Antônio – (Antônio sorri) Basta ir ver sua mãe com mais frequência. Bater um papinho, contar novidades e comer **aquele bolo de laranja bem obvio** que ela adora fazer pra todos que vão visitá-la.

Ana – Quero acordar.

Antônio – E por que não acorda?

Ana – E por que não fica comigo?

Antônio – Não estou aqui. Sou uma projeção sua.

Ana – Finalmente comecei a chorar... Lá no hospital também comecei a chorar, quando você sentiu falta de ar e foi levado para o CTI... Eu não pude entrar, mas ouvia você me chamar... Então, eu entrei. Ninguém poderia me impedir. Mas quando cheguei lá, disse a você que tudo ficaria bem, lembra? Só que nada ficou bem! Você me disse... **Não adianta, não consigo respirar...** E eu me senti tão impotente... E tive medo que você morresse, muito medo. Agora você já está morto. E eu? Onde estou? Em que parte do meu corpo me escondi pra sempre? Por que você não me encontra e abre essa porta com a chave do Miguel ou com qualquer outra chave e me leva de volta pra mim?

Antônio – **Devemos chorar.** E você precisa descer a Colina...

Ana – (silêncio) Agora só tenho essas pinturas aqui, e parecem feitas de gelo. É isso... Então, era o que me prendia a elas todo esse tempo. O gelo frio do corpo morto que se foi. E elas também eram o pó da terra que ele respirava enquanto o sangue virava algo esquisito e podre em suas veias paralisadas. Não há mais brilho nem olhar nem calor nem abraços. Mas havia algo que não podia ter ido embora, mas o que seria? Não me lembro de nada além do gelo das telas, além do banco de madeira, da solidão do meu corpo vivo tão culpado por não ter morrido. Meu sangue ainda estava aquecido e eu podia respirar normalmente, mas ele não. Eu estava viva, mas ele não. Eu podia ver, mas ele não. Eu iria acordar no dia seguinte, mas ele não. Eu ia voltar pra casa, mas ele não. Eu sobrevivi, mas ele não... Como eu poderia continuar? Como eu poderia me perdoar?

Antônio – Ana e eu ficamos de frente um para o outro.

Ana – Eu te amo.

Antônio – Eu te amo.

Ana – Papai me beija e desaparece. Aceitei aquela realidade como se tivesse acordando de um **sonho**, pra entrar em outro. Então, Miguel acorda... E essa dor aqui no peito foi se amenizando, mas as palavras não cabiam nesse lugar em que eu me encontrava.

Miguel – Antes de sair, Ana quis saber o título dos quadros. Então se aproximou das telas.

Ana – Então, eu li: “**A esperança do homem condenado à morte**”.

Antônio – Já além da vida
encanto-me com esse céu
maior que o vento do tempo
que nos apagará das linhas
que nos levará abstratos
que nos rabiscará em rios.

Joan Miró



The hope of the man condemned to death I, II, III (1974)